

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

HUDNISI FORMIGONI BITTENCURTE

**REVISITANDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM
NECESSÁRIA NO ENSINO DE ARTE**

CRICIÚMA - SC

2014

HUDNISI FORMIGONI BITTENCURTE

**REVISITANDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM
NECESSÁRIA NO ENSINO DE ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. ^a MSc. Édina Regina Baumer

CRICIÚMA - SC

2014

HUDNISI FORMIGONI BITTENCURTE

**REVISITANDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM
NECESSÁRIA NO ENSINO DE ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 26 de novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Édina Regina Baumer - Mestre em Educação - (UNESC) - Orientadora

Prof. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestre (UNESC)

Prof. Aurélia Regina de Souza Honorato – Mestre (UNESC)

Dedico a Aquele que é essencial à minha vida, Aquele que é meu guia, meu amor maior, Aquele que permitiu que eu chegasse até aqui. Obrigada meu Deus!

AGRADECIMENTOS

Agradecimento é um ato de gratidão e reconhecimento por aquelas pessoas que fizeram e fazem parte da nossa vida de maneira especial e que de alguma forma contribuíram na nossa trajetória.

Desse modo, agradeço primeiramente a Deus, a quem me deu e ainda me dá força, coragem, determinação para nunca desistir e sempre seguir em frente, acreditando que nunca estive sozinha nesta caminhada.

Agradeço aos meus pais, por serem meu alicerce meu orgulho e exemplo de vida. Por terem sempre acreditado em mim e por me incentivarem a seguir meus estudos, tendo paciência, carinho e cuidado nesses longos anos de estudo. E tenho certeza que agora estão muito orgulhosos pela minha conquista que foi chegar até aqui.

Ao meu querido irmão, a quem não posso deixar de citar, meu companheiro de muitas risadas, cumplicidades e amizade.

Aos meus amigos e colegas de turma, todos que fizeram parte desses quatro anos de trajetória, compartilhando todos os momentos, bons ou ruins, aprendendo a conviver com nossas diferenças. Em especial ao 'Canto esquerdo' (Carol, Angel, Marcia, Laís e Luan), nome ao qual fomos apelidados já no início da faculdade, e que marcou por estarmos sempre unidos. A eles agradeço por terem sido meu suporte e por estarem presentes nos momentos de aflição, alegria, incertezas, superação, dificuldade e tantos outros sentimentos que nos rodearam e ainda nos rodeiam.

Aos meus professores, que foram parte fundamental dessa caminhada, que se dedicaram propiciando experiências e vivências que foram nos moldando e nos amadurecendo enquanto sujeitos em constante aprendizado. Em especial minha orientadora Édina Regina Baumer, que me orientou com muita dedicação, seriedade e sabedoria.

E por fim, muito obrigada a todos estes e também os que não pude citar aqui, mas que também contribuíram de alguma forma durante minha vida acadêmica e na construção desta pesquisa. Tenho certeza que todos ficarão para sempre guardados em minha memória pois são pessoas muito especiais.

“A arte contribui muito para desenvolver o sentido de cidadania, atentar para diversidade cultural, para começar a respeitar as diferenças entre grupos culturais. se você conhece culturalmente o seu país, você tem mais chance de respeitá-lo, e isso para mim é cidadania”.

Ana Mae Barbosa

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo fomentar discussão sobre como estão sendo abordadas as características da cultura afro-brasileira nas aulas de Artes; se, e como os professores de Artes implementam esse tema em suas aulas e quais as possibilidades de desenvolver abordagens sobre a cultura afro-brasileira no ensino da arte. Considerando que o Brasil é um país de grande diversidade cultural, buscou-se neste trabalho reflexões acerca do reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira e da inserção da Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino sobre a História e cultura afro-brasileira e Indígena na escola. Deste modo, a pesquisa percorreu o seguinte problema: quais as possibilidades de desenvolver abordagens sobre a cultura afro-brasileira nas aulas de arte na educação básica? Este estudo se insere na linha de pesquisa Educação e Arte do curso de Artes Visuais – Licenciatura e teve como procedimento técnico, a pesquisa bibliográfica e documental, pois buscou experiências de professores de Arte – em forma de relatos ou planos de aula –, publicados na internet, e também por meio de análises no material elaborado – os relatórios e documentos registrados – na experiência realizada na disciplina de Estágio II em torno dessa temática. A pesquisa teve um levantamento bibliográfico, tendo como principal corpo teórico autores como: Martins (2010), Laraia (2006), Sales (2005), Santos (2012), Oliveira (2008) e Silva (2008). A pesquisa revelou abordagens que relacionam linguagens e aspectos do cotidiano dos alunos bem como experiências e vivências significativas, dentro de propostas que envolveram diferentes disciplinas. Percebeu-se também a presença do lúdico e das brincadeiras, como também, do enfoque da história africana e afro-brasileira atentando-se para as questões da memória e a contribuição do passado no presente. Conclui-se que dessa forma, incentiva-se a valorização da história e da cultura bem como o reconhecimento de que a formação da diversidade cultural do povo brasileiro deve-se a essa história.

Palavras-chave: Ensino da arte. Cultura Afro-Brasileira. Diversidade cultural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Roda de capoeira.....	21
Figura 2 - Escola de samba Beija-Flor, carnaval 2013.....	22
Figura 3 - Instrumentos africanos.....	22
Figura 4 - Máscaras africanas representando figuras humanas.....	24
Figura 5 - Máscaras africanas representando figuras de animais.....	24
Figura 6 - Ainda a Lamentar - cerâmica fria, cordão, madeira, plástico e metal/ 23 x 8 x 49,5 cm / 2011, Rosana Paulino.....	25
Figura 7 - Auto-Retrato com Máscara Africana – Volpi, Rosana Paulino.....	26
Figura 8 - Idilé Aiye: Sasará Ejo ati Ibirí [Cetro Reunindo os Símbolos do Panteão da Terra] 1995, Mestre Didi, Coleção do artista.....	27
Figura 9 - Pepeye – O grande pato, 2001, Mestre Didi.....	27
Figura 10 - Série emblemas, serigrafia em cores, 100 x 70, 1989, Rubem Valentim.....	28
Figura 11 - Objeto emblemático 9, tinta acrílica sobre madeira, 160 X 85 X 25, Rubem Valentim.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COPIRC – Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de Criciúma

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

OCEM – Orientações Curriculares para o Ensino Médio

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SC – Santa Catarina

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ENSINO DA ARTE PARA QUÊ?	14
2.1 A LEGISLAÇÃO PARA O ENSINO DA ARTE: RECORTES SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA	16
3 A CULTURA AFRICANA/AFRO-BRASILEIRA	19
3.1 A DANÇA E A MÚSICA NA CULTURA AFRICANA/AFRO-BRASILEIRA.....	21
3.2 MÁSCARAS NA CULTURA AFRICANA	24
3.3 OUTRAS REPRESENTAÇÕES VISUAIS DA CULTURA AFRICANA/AFRO-BRASILEIRA	25
4 CAMINHOS DA PESQUISA	31
4.1 ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE ABORDAGENS SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE ARTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA	32
4.1.1 Patuás.....	32
4.1.2 Como brincam as crianças africanas	34
4.1.3 Conhecer para respeitar	35
4.1.4 A experiência de estágio e uma proposição	36
5 ANÁLISE DOS DADOS	39
5.1 PROJETO DE CURSO: UMA PROPOSIÇÃO PARA ABORDAR A CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO(S)	52
ANEXO A OBRA 'PAREDE DE MEMÓRIA', 1994. ROSANA PAULINO.....	53
ANEXO B POESIA 'CARREGO COMIGO' DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	53

1 INTRODUÇÃO

Este estudo surge a partir de uma experiência que realizei na disciplina de Estágio II, no segundo semestre do ano de 2013, na Escola Municipal de Educação Infantil e Educação Fundamental Serafina Milioli Pescador, com a turma do 9º ano. O tema abordado nesse projeto de estágio foi a “Cultura Africana e Afro-Brasileira”, e teve como título: “Um passeio pelo continente Africano: conhecendo e valorizando sua diversidade cultural.” O tema foi sugerido pela professora supervisora da escola e durante o estágio foram desenvolvidas algumas linguagens da arte como a música, a dança e as artes visuais.

No entanto, quando a professora me propôs que desenvolvesse este tema, foram surgindo algumas dúvidas e inquietações sobre como abordar esse conteúdo nas aulas de arte oportunizando aos alunos – além do conhecimento histórico sobre essa cultura – o conhecimento artístico. Da mesma forma coloco aqui minha preocupação enquanto acadêmica, pois desde que me foi proposto trabalhar no Estágio o referido assunto, encontrei dificuldades em relação a materiais que abordem o tema e penso que essa possa ser a mesma dificuldade de alguns professores de Artes.

Surge daí então meu interesse de investigação, onde me proponho a analisar sobre quais as possibilidades de desenvolver abordagens sobre a cultura afro-brasileira nas aulas de arte. Penso que abordar diferentes culturas na escola é de fundamental importância para que o aluno possa conhecer e valorizar outras culturas, em especial a africana, como também poder ampliar seu repertório artístico cultural.

Um dos primeiros passos para o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira se deve à inserção da Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino sobre a História e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica. É de extrema importância para que nossos alunos compreendam e reconheçam-se como cidadãos integrantes de uma sociedade miscigenada.

Dentro desta proposta de pesquisa foram surgindo hipóteses que norteiam a pesquisa: Como estão sendo abordadas as características da cultura afro-brasileira nas aulas de Artes? Será que os professores de Artes implementam esse tema em suas aulas? Quais as possibilidades de desenvolver a abordagem da cultura afro-brasileira relacionando-a com o conhecimento artístico?

Conforme as linhas estabelecidas para o curso de Artes Visuais – Licenciatura¹, este estudo se insere na linha de pesquisa Educação e Arte, que se aplica a “Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. Linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica. Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação.” É uma pesquisa de natureza básica e quanto à forma de abordagem do problema, é qualitativa. O estudo tem como procedimento técnico, a pesquisa bibliográfica e documental, pois buscou referenciais teóricos e construiu uma fundamentação sobre algumas experiências de professores de Arte – em forma de relatos ou planos de aula –, publicadas na internet, em torno dessa temática. Sob ponto de vista dos objetivos, se enquadra em uma pesquisa descritiva.

A pesquisa realizou-se também por meio de análises e investigações no material elaborado – os relatórios e documentos registrados – na experiência que realizei na disciplina de Estágio II, no segundo semestre do ano de 2013.

A estrutura desta pesquisa divide-se em sete capítulos que se subdividem, trazendo reflexões e diálogos para melhor compreensão sobre a temática. Início abordando questões sobre a importância do ensino da arte e cultura, trazendo como principais autores: Coli (1995), Martins (2010) e Laraia (2006), como também os PCN (1998) e OCEM (2006), documentos importantes que orientam a organização dos currículos escolares.

Em seguida, apresento reflexões sobre a legislação para o ensino da arte e recortes sobre a cultura afro-brasileira, contextualizando com Barbosa (1998) e as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004).

No terceiro capítulo estabeleço diálogos com autores como: Ratts e Damasceno (2006), Sales (2005), Salum (2000) e Santos (2012) para falar sobre a cultura africana e afro-brasileira, na música, na dança e em outras representações visuais dessa cultura.

Durante o quarto capítulo, trago o caminho da pesquisa, apresentando os procedimentos metodológicos, sobre como se desenvolveu o estudo e em seguida proponho a apresentação de relatos de três experiências de professores de arte, publicados na internet e uma experiência relatada em um trabalho de conclusão de

¹Regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Artes Visuais/ 2008

curso do Artes Visuais – Licenciatura da UNESC. Esses relatos abordam a temática cultura afro-brasileira. Na sequência trago a minha experiência realizada na disciplina de Estágio II, no segundo semestre do ano de 2013, onde abordo a mesma temática.

Para finalizar apresento a análise de dados, dialogando com Leite (1998), Oliveira (2008), Ferraz e Fusari (2009) e Silva (2008) e em seguida escrevo as considerações finais deste trabalho de conclusão de curso.

2 ENSINO DA ARTE PARA QUÊ?

Percebemos que a arte tem sido cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, seja ela manifestada através de imagens ou sons, transmitindo seus valores culturais. Mas o que realmente entendemos por arte? Não há uma definição exata para se esclarecer sobre o que é arte, pois seu conceito está em constante mudança. Segundo Jorge Coli (1995, p. 8) “assim, mesmo sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo ‘arte’ ”.

Coli (1995, p. 8), ainda diz que podemos considerar como “[...] arte, certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia.”

Entendemos a arte também como uma área do conhecimento complexa e importante como qualquer outra área. Desse modo, é importante ressaltar que o ensino de arte é fundamental para que o educando possa ter uma interação com esse campo de linguagens, por meio de experiências que os levam a ampliar sua percepção para uma compreensão de mundo mais rica e significativa.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB n. 9.394/96) que define e regulariza o sistema de educação brasileiro, no Art. 26. § 2º diz que: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Portanto, fica evidente a necessidade das aulas de arte como componente curricular obrigatório e percebemos também a importância da escola em promover conhecimento acerca do patrimônio cultural bem como contribuir para sua preservação.

Segundo Martins (2010, p.12), “a arte é importante na escola porque é importante fora dela. Por ser conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber”.

Fazendo e apreciando arte o aluno desenvolve sua cultura, integrando ações que o permitem perceber, pensar, aprender, recordar, imaginar, sentir, expressar e comunicar-se com o mundo.

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e a diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão a sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor. (BRASIL, 1997, p. 19).

A arte está presente em diversas culturas, manifestando-se por meio de suas linguagens. Desse modo, podemos reconhecer sua importância, pois cada povo tem sua maneira de se expressar e de se comunicar através da arte.

Nesse contexto, percebemos que arte e cultura estão interligadas e o PCN: Arte (BRASIL, 1997, p.19) diz que “a arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade”. Desse modo, podemos perceber que o ensino de Arte pode contribuir para que o educando possa se reconhecer como cidadão integrante de uma sociedade multicultural.

Segundo Laraia (2001, p. 28) “o homem é o único ser possuidor de cultura”, pois é capaz de construir suas próprias ideias, artefatos, costumes, valores, entre outros, adquiridos a partir do convívio social.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2001, p. 45).

Para Laraia (2006, p. 19) “sendo assim, quando o professor possibilita o aprendizado de novas culturas ao aluno, oportuniza que reflitam sobre diferentes comportamentos, ou seja, o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação²”.

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas

² Processo de aprendizagem e educação de uma cultura, desde a infância até à idade adulta. Fonte: Disponível em: <http://www.primeiroconceito.com.br/site/?p=90> Acesso em: 30 ago. 2014

diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 2001, p. 101).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 7) indicam a importância de se desenvolver diversas culturas na escola ao orientarem estratégias de ensino onde o aluno possa:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Outro documento importante, que orienta a organização dos currículos do Ensino Médio são as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006, p. 177) que tratam do tema diversidade e pluralidade cultural afirmando:

O ideário sobre o Ensino da Arte contempla as diferenças de raça, etnia, religião, classe social, gênero, opções sexuais e um olhar mais sistemático sobre outras culturas. [...] Enfim, exige valores estéticos mais democráticos, o que se chama de alfabetização cultural: possibilitar que o aluno desenvolva competências em múltiplos sistemas de percepção, avaliação e prática da arte.

Dada a importância da arte e sua relação com a cultura, podemos compreender que a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento cultural dos alunos, de acordo com a prescrição da LDB n. 9.394/96, que trata sobre a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino básico.

2.1 A LEGISLAÇÃO PARA O ENSINO DA ARTE: RECORTES SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil, muitas vezes só é lembrado nas aulas de História com o tema da escravidão negra africana,

e com isso perde-se a oportunidade de perceber que essa cultura possui valores e também expressa-se por meio da arte.

Já vi orientadores de museu, ao falarem de Arte Africana, se referirem apenas à escravidão e aos fazeres manuais dos escravos para contextualizar os objetos e, em nenhum momento, se referirem às suas qualidades estéticas. Entretanto, quando se confrontavam com a arte do código europeu e norte americano-branco, a contextualização era institucional e a apreciação transcendental, apelando para a sensibilidade estética, a valoração econômica e a identificação com status social. (BARBOSA, 1998, p. 92).

Segundo a Lei 9.394/96, em seu Artigo 26 – A, alterada inicialmente pela Lei 10.639/03 e depois pela Lei 11.645/08: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Desse modo é colocada a determinação para se desenvolver nas escolas conteúdos que garantam uma reflexão sobre a diversidade cultural, assim como também o reconhecimento e a valorização da cultura de outros povos.

Assim, entendemos que segundo as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, abordando esse tema na educação básica, pode-se assegurar “o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garante igual direito às histórias e culturas que compõe a nação brasileira, além do direito ao acesso de diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros.” (BRASIL, 2004, p. 9).

Da mesma forma essas diretrizes citam a importância de não privilegiar e valorizar apenas a cultura das raízes europeias, mas também trazer ao contexto do aluno outras civilizações, como: a indígena, a asiática e a africana. E ainda nos dizem que:

É papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. (BRASIL, 2004, p. 7)

Desse modo, podemos perceber a importância da implementação da lei citada acima, pois “essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira.” (BRASIL, 2004, p. 8). A obrigatoriedade da temática africana nos currículos escolares amplia as experiências de professores das redes de ensino para uma preservação e reconstituição dessa memória cultural.

3 A ARTE AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA E SUAS QUESTÕES CULTURAIS

Quando nos referimos à 'arte africana', devemos nos referir também à sua cultura, pois são diversas as manifestações artísticas que abrangem esse vasto continente, podendo-se perceber sua presença nas diversas linguagens da arte.

A cultura africana é rica em significados, memórias e costumes. As sociedades africanas são distintas, e certamente, sua arte também se distingue. Dessa forma podemos encontrar, em sua especificidade, muitos elementos que compõem seu universo cultural. Diante da ideia de que pertencemos a uma nação onde a pluralidade é o que nos caracteriza, surge a necessidade de conhecer e ter uma abordagem mais fundamentada sobre esse continente tão abundante em diversidade cultural.

Ratts e Damasceno (2006, p. 172) afirmam que:

O patrimônio cultural da população negra é composto de bens materiais e imateriais, que são expressões dessas comunidades, nos mais diferentes aspectos: objetos, costumes, canções, rituais, encontrados na religião, na culinária, nos modos de tecer e de vestir.

Conhecendo um pouco mais sobre essa cultura, percebemos que para o africano, as esculturas, as máscaras, danças e cantos são divididos em momentos importantes de sua vida, não sendo considerados para ele, como obras de arte, pois possuem um fim cerimonial, religioso e ritualístico.

Diante disso, nos deparamos com questões sobre como podemos compreender melhor a arte africana e quais contribuições ela nos traz. Na fala de Sales (2005, p. 168), vimos que:

A arte da África, ou a cultura material de dinastias, etnias e micro etnias africanas, nada tem a ver com as preocupações estéticas ocidentais. Aí se coloca o problema de quem aprecia essa arte. Com que critérios devemos observá-la? O que podemos e devemos reter dessa rica manifestação? Por que devemos estudar as diversas etnias africanas? Qual o sentido desse estudo para nós, brasileiros?

Ao estudar a arte africana podemos quebrar os paradigmas de que ela tem apenas um fim religioso e perceber também seus elementos de expressão,

sentimentos, percepção e a memória de um povo que nos trouxe várias influências artísticas.

No entanto, neste estudo, faz-se necessário esclarecer o conceito de cultura africana e sua diferença com relação ao termo 'cultura afro-brasileira'. Podemos denominar como cultura afro-brasileira o conjunto de manifestações culturais do Brasil que tiveram influências herdadas da cultura africana desde os tempos do Brasil colônia até a atualidade. Traços que podem ser encontrados em variados aspectos da cultura brasileira, como na música popular, na religião, na culinária, no folclore e nas festividades populares. A cultura afro-brasileira é o resultado do desenvolvimento da cultura africana no Brasil.

Salum (2000, p. 113), fala sobre a arte afro-brasileira:

[...] a "arte afro-brasileira" é antes de mais nada contemporânea: ganhou nome neste século XX e passou a ser reconhecida como qualquer manifestação plástica e visual que retome, de um lado, a estética e a religiosidade africanas e, de outro, os cenários socioculturais do negro no Brasil. Trata-se da cultura material dos segmentos negros no Brasil, das obras representativas da cultura popular de origem africana, das releituras da arte africana tradicional.

De acordo com Bispo (2012, p. 83), "falar de arte afro-brasileira é falar de artistas, artesãos, artífices, arquitetos negros e mestiços que modelaram muito do que hoje conhecemos como sendo nossa cultura nacional."

Já quando falamos de cultura africana estamos nos referindo a história da própria África, seus costumes, valores e crenças, refletindo a história de seu povo. Esse vasto continente – a África – é composto por povos distintos, que possuem sua própria cultura igualmente valiosa, que envolve também a sua arte, desde representações em pinturas, esculturas e até objetos em geral que acompanham os ritos, as danças e as cerimônias religiosas.

É fundamental retomar um pouco mais a origem de cada uma das influências africanas na cultura do povo brasileiro, buscando com este estudo contribuir para o (re) conhecimento histórico e cultural, dialogando com as possibilidades de ampliação no repertório artístico. Para isso é preciso ter um olhar voltado para o continente africano e as contribuições que trouxeram para o campo da arte, especialmente no Brasil.

3.1 A DANÇA E A MÚSICA NA CULTURA AFRICANA/AFRO-BRASILEIRA

Muitos são os rituais presentes na cultura africana, realizados em diferentes locais, com orações, danças e cantos, em momentos distintos da vida, seja na celebração do nascimento ou na passagem da vida para a morte.

Logo, algumas danças e estilos musicais no Brasil, como a capoeira e o samba, são manifestações herdadas da cultura africana. Sua influência na formação do povo brasileiro é vista até os dias atuais. Ratts e Damasceno (2006, p. 173) acreditam que:

Dentre as influências africanas que se recriaram no país, a linguagem musical é certamente um dos campos onde as referências africanas aparecem de maneira significativa, formando um infinito mosaico de presenças e contribuições, constituindo um rico caleidoscópio rítmico das mais diversas expressões e possibilidades de identidades negras espalhadas pelo Brasil, tanto no passado como no presente.

A capoeira é uma dessas heranças da cultura africana. Quanto a sua origem, alguns estudos indicam que essa dança ou arte marcial, surgiu logo depois das primeiras fugas de escravos. Os fugitivos precisavam se defender dos ‘capitães-do-mato’ e com isso usavam movimentos de ginga, saltos e chutes. Piletti (1996, p. 82) define dizendo que “os senhores de engenho proibiam os escravos de praticar qualquer tipo de luta. Logo, os escravos utilizaram o ritmo e os movimentos de suas danças africanas, adaptando a um tipo de luta. Surgia assim a capoeira, uma arte marcial disfarçada de dança”.

Dessa forma, percebemos que os movimentos corporais, a expressividade, musicalidade e o canto presentes na capoeira dialogam com expressões artísticas acompanhadas também de percussão (berimbau, pandeiro, atabaques).

Figura 1: Roda de capoeira



Fonte: Disponível em:
<<http://onireblogspotcom.blogspot.com.br/2011/04/capoeira.html>>

O samba é também considerado, assim como a capoeira, uma dança que surgiu da mistura de estilos musicais de origem africana e brasileira. Além da dança também o conhecemos como um gênero musical que é tocado com instrumentos de percussão (tambores, surdos, timbal) acompanhados por violão e cavaquinho.

Santos (2012, p. 46), destaca que segundo alguns especialistas:

A palavra Samba é originária da palavra Semba do idioma quimbundo, que significa umbigada e dá nome a uma dança tradicional desta etnia em que o passo principal é justamente a umbigada entre um homem e uma mulher. Pois esta maneira de dançar – dando umbigadas – é encontrada em diversas danças brasileiras presentes em diferentes regiões do país.

O carnaval brasileiro, que é a maior festa popular do país, é um exemplo dessa mistura de ritmos que nos caracterizam internacionalmente como o ‘país do samba’.

Figura 2: Escola de samba Beija-Flor, carnaval 2013.



Fonte: Disponível em: <<http://www.beija-flor.com.br/>>

Já a gafieira, uma extensão do samba, se difere por ser dançada em dupla, onde o homem traz movimentos corporais na coreografia e a dama costuma seguir seus passos.

Em particular, cada elemento presente na cultura africana possui uma denominação. De acordo com Santos (2012, p. 48) ao conhecermos um pouco mais essas danças e instrumentos “descobrimos que os negros brasileiros não se limitaram a tão-somente reproduzir suas tradições e seus instrumentos africanos; antes, ressignificaram, recriaram e atribuíram novas funções musicais e novos instrumentos [...]”.

Figura 3: Instrumentos africanos.



Fonte: Disponível em: <<http://cativeiromexico.hostoi.com/inicios.html>>

Desse modo, percebemos que em diversas esferas a cultura africana se faz presente no Brasil e é na dança e na música que percebemos melhor essa disseminação cultural. Assim como também as compreendemos como uma linguagem artística, com características relevantes de uma cultura de um povo tão cheio de gingado e de uma grande expressão corporal; no entanto essa expressão também se faz presente nas artes visuais como podemos ver a seguir.

3.2 MÁSCARAS NA CULTURA AFRICANA

As máscaras estão presentes em muitas culturas e cada uma revela um significado diferente. Na África, um continente conhecido pela riqueza de sua arte, as máscaras são uma maioria dominante nas expressões por meio das artes visuais.

Segundo Monti (1992, p. 12):

A máscara para os africanos representa um disfarce místico, com o qual podem absorver forças mágicas dos espíritos, e, assim, utilizá-las na cura dos doentes, bem como, nos rituais fúnebres, nas cerimônias de iniciação, nos casamentos e nos nascimentos.

Para Picasso (1970 apud BELO, 2006, p. 12) “as máscaras não eram esculturas como as outras, eram objetos de poder, mágicos e sagrados”. Fontes (1992, p. 9) destaca que “são as formas mais conhecidas da plástica dos africanos, elas constituem síntese de elementos simbólicos mais variados se convertendo em expressões de vontade criadora do africano”.

Desse modo, a Revista da COPIRC (2010, p. 90) nos diz que:

O significado das máscaras variam de um grupo étnico para outro, onde uma só máscara pode ter significados variados. A máscara simboliza uma transformação mística; quem a veste incorpora o ser que ela representa. Nessa região oeste da África, elas têm importantíssima função, por exemplo, nas festas de iniciação, nos rituais de casamento, nascimento, morte, e nas celebrações das colheitas. Elas podem purificar proteger, transmitindo mensagens dos espíritos para as pessoas e acompanham os homens na guerra, na caça e nos trabalhos no campo.

As máscaras para os africanos podem representar e terem características tanto de figuras humanas, quanto de figuras de animais, como podemos ver nas imagens abaixo:

Figura 4: Máscaras africanas representando figuras humanas.



Fonte: Disponível em:

<http://www.axeafrica.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=70&Itemid=83>

Figura 5: Máscaras africanas representando figuras de animais.



Fonte: Disponível em:

<http://www.axeafrica.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=70&Itemid=83>

Desse modo, percebemos que ao desenvolver abordagens sobre a cultura africana, precisamos trabalhar também sua cultura de um modo geral, explorando seu contexto.

3.3 OUTRAS REPRESENTAÇÕES DAS ARTES VISUAIS DA CULTURA AFRICANA/AFRO-BRASILEIRA

Rosana Paulino é uma artista brasileira, natural de São Paulo. Seu

trabalho como artista percorre por questões ligadas ao negro na sociedade. Segundo consta em seu site,

a artista vem se destacando por sua produção ligada a questões sociais, étnicas e de gênero. Seus trabalhos têm como foco principal a posição do negro e, principalmente, da mulher negra dentro da sociedade brasileira. Quanto a sua formação, Rosana viajou para Londres em 1998, com bolsa de estudos do governo brasileiro para fazer especialização em gravura no London Print Studio e é atualmente doutoranda em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). (<http://www.rosanapaulino.com.br/biografia/>)

Em um depoimento a artista relata sobre seus trabalhos e sua motivação que vem desde a infância:

Minha infância está presente em meus trabalhos. Fatos como se perceber negra e não ter nenhuma boneca com a qual pudesse me identificar olhar as heroínas e princesas e ver que entre elas não havia nenhuma negra, as famílias nos comerciais e livros escolares, tudo isto foi chamando minha atenção e me levando a discutir o motivo desta invisibilidade negra. (BISPO, 2010, p. 22).

Podemos ver nas imagens que seguem abaixo, alguns trabalhos da artista, onde percebemos sua aproximação com temas ligados a questões sociais, étnicas e principalmente a figura da mulher negra.

Figura 6: Ainda a Lamentar - cerâmica fria, cordão, madeira, plástico e metal/ 23 x 8 x 49,5 cm / 2011, Rosana Paulino.



Fonte: Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/trabalhos/?pid=37>

Figura 7: Auto-Retrato com Máscara Africana – Volpi, Rosana Paulino.



Fonte: Disponível em: <<http://www.rosanapaulino.com.br/trabalhos/?pid=42>>

Deoscoredes Maximiliano dos Santos, ou Mestre Didi, como é conhecido, é outro artista que traz em suas produções influências e características da cultura africana. Nasceu em 2 de dezembro de 1917, na cidade de Salvador - Bahia, e faleceu em 6 de outubro de 2013 na mesma cidade. Mestre Didi é além de escultor também escritor. Em suas produções, o artista traz elementos ritualísticos e religiosos, transmitindo os costumes e mitologias dos povos africanos.

Como escultor, escritor, ensaísta e curador, Mestre Didi é um representante da cultura afro-brasileira e, mesmo sem formação acadêmica em artes, participa e é curador de diversas mostras de arte afro-brasileira, tanto no Brasil como no exterior. (Mestre Didi: arte ritual, 2006).

Em seu depoimento, Mestre Didi fala de onde vem sua inspiração para produzir: “Os Orixás do Panteão da Terra são os que nos alimentam e nos ajudam a manter a vida. Os meus trabalhos estão inspirados na natureza, na mãe terra – Lama representada pela Orixá Nanã, patrona da agricultura.” (Mestre Didi: arte ritual, 2006)

O artista explora em seus trabalhos, muitos elementos ligados à religiosidade e durante todo seu processo criativo utiliza-se de materiais retirados da natureza como búzios, palhas, nervuras de palmeiras e tecidos como podemos ver

nas imagens abaixo:

Figura 8: Idilé Aiye: Sasará Ejo ati Ibirí [Cetro Reunindo os Símbolos do Panteão da Terra] 1995, Mestre Didi, Coleção do artista.



Fonte: Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21953/Mestre-Didi>>

Figura 9: Pepeye – O grande pato, 2001, Mestre Didi.



Fonte: Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21953/Mestre-Didi>>

Outro artista que representa a cultura afro-brasileira é Rubem Valentim. Nasceu em Salvador, estado da Bahia em 1922 e faleceu em 1991. Segundo Alencar (2009):

Rubem Valentim buscou na cultura popular afro-brasileira as características que norteariam seu trabalho até o final da vida, em suas pinturas, esculturas

e objetos. Formas geométricas sintetizam elementos presentes nos cultos afro-brasileiros, por exemplo, os Oxês de Xangô (o machado duplo de Xangô). Reelaborando o pensamento construtivista, Valentim passou a empregar signos inspirando-se nas ferramentas e nos instrumentos simbólicos do candomblé, sintetizando-os nas formas geométricas.

Figura 10: Série emblemas, serigrafia em cores, 100 X 70, 1989, Rubem Valentim.



Fonte: Disponível em: <<http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=R&cd=2508>>

Figura 11: Objeto emblemático 9, tinta acrílica sobre madeira, 160 X 85 X 25, Rubem Valentim.



Fonte: Disponível em: <<http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=R&cd=2508>>

Em suas obras percebemos a relação com a religiosidade, misticismo, crenças e símbolos que representa em cada produção. Utiliza-se de cores puras e vivas e o branco onde realça a intensidade cromática. Em seu depoimento para o

documentário do Arte na Escola, Valentim fala sobre seus momentos de criação: “A criação para mim se manifesta em parcelas infinitesimais, e eu, como criador, estou criando e sendo criado”. (Rubem Valentim: geometria sagrada, 2006). Desse modo percebemos a ação do artista enquanto criador de símbolos que representam características da cultura afro-brasileira em suas obras.

Este capítulo trouxe aproximações entre a cultura e a produção artística africana e suas relações com o Brasil; em seguida inicio a apresentação de algumas experiências de abordagens sobre a cultura afro-brasileira nas aulas de arte da educação básica.

4 CAMINHOS DA PESQUISA

Esta pesquisa traz como título *Revisitando a Cultura Afro-Brasileira: uma abordagem necessária no ensino de arte* e tem como problema: quais as possibilidades de desenvolver abordagens sobre a cultura afro-brasileira nas aulas de arte na educação básica?

A pesquisa científica, segundo Pinheiro (2010, p. 17) “é um conjunto de ações propostas para encontrar a solução para um problema com base em procedimentos racionais e sistemáticos e realizada quando não se possui informações para solucionar tal problema.” A pesquisa então parte de um problema, que visa obter descoberta de novos conhecimentos, buscando responder as questões que norteiam a investigação.

Pinheiro (2010, p. 17) complementa que, “trata-se, pois, de um processo de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novo conhecimento e corroborar ou refutar algum conhecimento preexistente.”

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar quais as possibilidades de desenvolver abordagens sobre a cultura afro-brasileira nas aulas de arte na educação básica e os objetivos específicos que norteiam o estudo são: investigar como estão sendo abordadas as informações sobre a cultura afro-brasileira nas aulas de arte; analisar se esse tema está sendo implementado nas aulas de arte e verificar quais as possibilidades de desenvolver a abordagem da Cultura afro-brasileira relacionando-a com o conhecimento artístico.

Quanto à natureza é uma pesquisa básica e de acordo com Pinheiro (2010, p. 19) “tem como objetivo gerar conhecimento novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.”

Quanto a forma de abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa, pois:

[...] caracteriza-se pela tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características de comportamentos. Argumenta-se que essa forma de pesquisa é aplicável para levantamento de hipóteses [...] não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. (PINHEIRO, 2010, p. 20).

Sob ponto de vista dos objetivos, é uma pesquisa descritiva porque “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno [...]. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados [...]. Assume, em geral, a forma de levantamento.” (PINHEIRO, 2010, p. 22). Para melhor analisar e explorar a situação problema da pesquisa, fez-se necessário utilizar procedimento técnico de pesquisa bibliográfica e documental.

De acordo com Pinheiro (2010, p. 22) a pesquisa bibliográfica é aplicada “quando elaborada a partir de um material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na internet.” Dessa forma a pesquisa se realizou por meio de análises e investigações de três experiências de professores de arte, publicados na internet e uma experiência relatada em um trabalho de conclusão de curso do Artes Visuais – Licenciatura da UNESC. Bem como o material (projeto e relatório final) da minha experiência, realizada na disciplina de Estágio II, no segundo semestre do ano de 2013. O processo de escolha dessas experiências foi realizado por meio de pesquisas na internet sobre abordagens com a temática cultura afro-brasileira.

A seguir segue os relatos das experiências que serviram como base para a análise de dados da pesquisa. Para analisar e interpretar estes dados, foi necessário primeiro organizar as informações recebidas para posteriormente, comparar e confrontar os dados com os objetivos propostos para a pesquisa.

4.1 ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE ABORDAGENS SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE ARTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Este subcapítulo reúne uma breve seleção de experiências no ensino da arte, que abordaram a cultura afro-brasileira. Essas experiências estão publicadas na internet, disponibilizadas para conhecimento de todos os interessados na temática e podem contribuir para as reflexões necessárias na construção dos currículos para a arte na educação básica.

4.1.1 Patuás: costurando sonhos

A experiência relatada por Rosvita Kolb-Bernardes foi realizada com crianças de oito a dez anos, nas aulas de arte do ensino fundamental de uma escola na cidade de Belo Horizonte – MG. Segundo ela,

[...] em meu fazer fui construindo o sentido de que as aulas de arte podem oferecer aos alunos a oportunidade de recontarem sua história, reconstruírem seu passado e construírem sua identidade por meio de variados fazeres, onde a palavra une-se a outras materialidades. Nessa abordagem, o trabalho de arte foi repensado, buscando dialogar com a cultura local e com outras manifestações culturais brasileiras. (KOLB-BERNARDES, 2010, p.75).

Partindo desse desejo, a professora oportunizou o contato com uma lenda indígena (Quarup – dos índios Kamaiurá) e com os patuás da tradição africana, além dos bordados da Família Dumont e das Mariquinhas. Durante as situações da sala de aula, as atividades “nos conduziram a universos diferenciados, ampliando o repertório dos alunos, provocando não apenas o pensamento, mas o sentimento, articulando-os intensamente em novos fazeres” (KOLB-BERNARDES, 2010, p.76), relata a professora. Especialmente para este estudo, recortamos do relato, as questões voltadas para a cultura afro-brasileira.

A partir do catálogo da exposição Mostra do Descobrimento Brasil + 500, por meio da obra ‘Parede de Memória’ (ANEXO A), da artista plástica Rosana Paulino e da poesia ‘Carrego comigo’ (ANEXO B), de Carlos Drummond de Andrade, veio a inspiração da professora para a proposição de confecção de patuás com as crianças, que “são pequenas almofadas costuradas, contendo alguma erva aromática, um bilhete com os desejos, sonhos e o que carregamos na nossa bagagem ao longo da vida”. (KOLB-BERNARDES, 2010, p.77).

Ainda segundo o relato da professora, foi necessário conhecer um pouco mais do trabalho da artista, junto com os alunos, para desenvolver os patuás.

À medida que tivemos mais contato e mais informações, descobrimos que a artista é de descendência afro-brasileira, o que possivelmente lhe deu suporte para o trabalho com os patuás. Talvez sim, talvez não, mas o certo é que, olhando sua obra, pensamos em seguir pelo caminho nela evidenciado: para o nosso trabalho plástico naquele momento, traríamos o significado dos patuás, construiríamos patuás, pois precisávamos dar forma para os sentimentos [...]. (KOLB-BERNARDES, 2010, p.77).

A professora propôs a leitura da poesia de Carlos Drummond de Andrade, para que em seguida as crianças pudessem escrever em um pedaço de papel, sobre si, sobre as suas perdas, segredos, sonhos e desejos. Em seguida iniciaram a confecção dos patuás: escolheram os tecidos e começaram a costurar e recheá-lo com o bilhete. Segundo a professora essa proposta,

foi uma atividade estética que proporcionou um espaço de conversa sobre si, onde os fios puxados, os tecidos escolhidos, as cores privilegiadas, os bilhetes escritos falavam de cada um. Um lugar para a acolhida, para a canção que canta no coração de cada um. Sem dúvida, um momento especial para as crianças, e para mim também. (KOLB-BERNARDES, 2010, p.77).

A partir do relato da professora sobre sua experiência, percebemos a importância e a abertura que ela proporcionou para que, por meio do contato e conhecimento de outras culturas, os alunos pudessem se expressar através da produção dos patuás.

4.1.2 Como brincam as crianças africanas

Essa experiência está disponibilizada por meio de um plano de aula que traz como título: 'Viajando pela África através de Brincadeiras Infanto-Juvenis', foi vencedora do 'I Concurso de Planos de Aula do Portal Geledés³, aplicando a Lei 10.639/03', reforçada atualmente pela Lei 11.645/2008. A experiência foi realizada numa escola municipal na cidade de Recife em Pernambuco, com uma turma do 5º ano, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia e Artes, com o objetivo de "promover uma reflexão acerca da África através de intercâmbio literário entre os estudantes da Escola Municipal Educador Paulo Freire (Brasil) e a Escola Tutune, da República Democrática de São Tomé e Príncipe (África)".

A metodologia proposta ocorreu a partir da

aplicação de atividades dentro de uma perspectiva transdisciplinar, que contempla vivências de leitura, releitura, produção textual, utilização de mapas geográficos, desenhos e pinturas. O que favorece ao

³ <http://www.geledes.org.br/plano-de-aula-viajando-pela-africa-atraves-de-brincadeiras-infanto-juvenis/#axzz3DQXKM8K8>

desenvolvimento da produção textual de leitores iniciantes e ao trabalho coletivo entre professores e estudantes [...]⁴.

Primeiramente foi feita uma roda de leitura com as crianças da obra literária *NDULE NDULE: assim brincam as crianças africanas*⁵, de Rogério Andrade Barbosa, que relata as brincadeiras das crianças de alguns países africanos. Posteriormente os alunos se organizaram em grupos para fazer a localização geográfica, no mapa do continente africano, dos países citados na obra e em seguida fizeram uma produção textual destacando as brincadeiras vivenciadas pelas crianças africanas e grupos em suas comunidades. No final foi promovido um intercâmbio dessa produção textual entre estudantes da escola municipal de Recife (Brasil) e da Escola da República Democrática de São Tomé e Príncipe. Os textos foram enviados para o Ministério da Educação e Cultura e Formação onde foram encaminhados para a referida escola.

E por fim, os alunos também puderam vivenciar na quadra da escola as brincadeiras apresentadas na leitura do referido livro, com a parceria do professor de capoeira.

4.1.3 Conhecer para respeitar

Essa experiência relata um projeto desenvolvido no ano de 2007, numa escola estadual na cidade de Forquilha – SC, com alunos de 5ª a 8ª série. O projeto intitulado ‘Arte e cultura africana e afro-brasileira: conhecer para respeitar’, teve como objetivo geral “propiciar o conhecimento de determinadas manifestações artísticas africanas e afro-brasileiras, levando os alunos a refletirem sobre a importância dos afro-brasileiros em nossa formação cultural, de modo a valorizar estas contribuições”⁶. Segundo a professora Julmara “Não existe nenhum aluno afro-descendente na escola, o que tornou o tema mais desafiador ainda”⁷.

Durante o projeto a professora apresentou artistas como Rosana Paulino, Mestre Didi e Rubem Valentim. Os trabalhos dos alunos foram expostos na

⁴ Idem

⁵ Livro que relata brincadeiras africanas. Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2012/04/19/o-escritor-rogerio-andrade-barbosa-ensina-brincadeira-africana.jhtm>

⁶ <http://artenaescola.org.br/galeria-dos-alunos/?id=65029#!/65027>

⁷ Idem

Heimatfest, tradicional festa alemã da cidade. Em seu trabalho de conclusão de curso, no ano de 2006, Julmara já havia tratado desse tema, relatando experiências que desenvolveu com uma turma do sétimo e ano e outra do segundo ano do ensino médio de uma escola estadual na cidade de Cocal do Sul - SC.

A professora escolheu trabalhar com os alunos a influencia da cultura africana na linguagem da música e das artes visuais, com a intenção de quebrar paradigmas e preconceitos percebidos por ela, entre os alunos. “Os alunos foram sensibilizados para alguns dos problemas presentes no passado e no presente de nossa sociedade, tais como a escravidão, o preconceito, o racismo” (GOULART, 2006, p. 85), descreve a professora.

Além de cantores africanos contemporâneos, foram apresentados aos alunos, algumas lendas e mitos africanos e alguns artistas como: Heitor do Prazeres, Portinari, Tarsila do Amaral e Rubem Valentim, para discutirem as questões sociais e fazerem reflexões sobre a importância da cultura africana para nosso país.

Em seguida, a professora propôs que os alunos escolhessem temas sociais e desenvolvessem a escrita de uma letra de música sobre o tema. Desenvolveram também a confecção de um painel com pintura em grafite na madeira, cujo tema foi cultura africana e afro-brasileira. Por fim, produziram também esculturas com argilas, partindo de temas como sociedade e religiosidade.

Julmara relata que “foi muito importante para os alunos este contato com manifestações artísticas africanas e afro-brasileiras, pois, além de ampliar o universo artístico, permitiu a quebra de muitos estereótipos e preconceitos diagnosticados no início do trabalho.” (GOULART, 2006, p. 111-112).

Importante frisar que essa experiência foi desenvolvida ainda durante o período de formação acadêmica da professora quando a mesma se propôs a investigar sobre a temática ‘cultura africana e afro-brasileira’, propondo reflexões e discussões que levaram a uma prática acerca do tema. Assim como também a minha experiência de estágio, relatada a seguir, onde me propus a desenvolver essa experiência, da mesma forma preocupada sobre como abordar esse tema no ensino da arte.

4.1.4 A experiência de estágio e uma proposição

A experiência de estágio foi desenvolvida durante a disciplina de estágio II

do curso de Artes Visuais, no segundo semestre do ano de 2013, e realizei na Escola Municipal de Educação Infantil e Educação Fundamental Serafina Milioli Pescador, situada no bairro Operária Nova em Criciúma - SC, com uma turma do 9º ano, contendo 21 alunos, entre 13 e 14 anos de idade.

Partindo do tema, cultura africana, que foi sugerido pela professora supervisora, de artes, da escola, me propus a desenvolver um projeto com o objetivo de proporcionar aos educandos o contato com a cultura africana, por meio experiências significativas, onde os mesmos pudessem vivenciar as linguagens da arte, na perspectiva do desenvolvimento social e cultural; estava presente também a intenção de aproximá-los dessa cultura que muitas vezes nos parece estar tão longe.

Durante o estágio foram desenvolvidos vários conteúdos relacionados com a cultura africana e afro-brasileira, como a música, a dança e as máscaras. O objetivo era conhecer e valorizar elementos da cultura africana ou afro-brasileira; refletir sobre a arte e a cultura afro-brasileira, reconhecendo sua importância na formação da nossa identidade e experimentar diferentes fazeres e modos de produção na arte como forma significativa na construção do conhecimento pelo educando.

Nos primeiros encontros assistimos um vídeo sobre “Uma Breve História da Cultura Africana”⁸, que relata um pouco sobre o continente africano e as principais manifestações artísticas dessa cultura. Posteriormente apresentei aos alunos as máscaras presentes na cultura africana: sua origem; significado; momentos que as pessoas as usam, relação com outras culturas; tipos de máscaras e os materiais usados na sua produção. E relacionamos com algumas máscaras presentes em outras culturas, como a máscara de carnaval e máscaras indígenas, entre outras. E os alunos citaram máscaras de filmes, como o ‘Pânico’, ‘V de vingança’ e ‘Jogos Mortais’ entre outros. Em seguida propus a construção de uma máscara que deveria representar ou expressar algo para os alunos.

Num outro encontro apresentei a história⁹ das danças e músicas africanas, como: a capoeira, o samba e as danças ritualísticas, fazendo relação com as máscaras utilizadas em algumas dessas danças, e assistimos também um

⁸ Vídeo: ‘Breve História da Cultura Africana’. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RPzxt1iZGiA>

⁹ História da música e dança africana. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/kit>

vídeo¹⁰ de roda de capoeira. Os alunos conheceram também sons e as imagens de instrumentos musicais africanos¹¹, como o: caxixi, padeirão, agogô, berimbau, entre outros. Primeiro vimos as imagens e falei um pouco sobre cada instrumento e o material que são feitos. Depois ouvimos os sons que cada um produz e também ouvimos algumas músicas produzidas com esses instrumentos. Posteriormente, propus que individualmente iniciassem a construção de um instrumento musical com os materiais recicláveis que trouxeram.

Em aula posterior propus para a turma que criassem uma composição musical com os instrumentos que construíram. Os alunos se reuniram em grupos, fizeram vários ensaios e depois apresentaram para toda a turma sua composição sonora.

No nosso último encontro fizemos uma roda de conversa, sobre como foram as aulas durante o período de estágio. Perguntei sobre o que mais gostaram, o que menos gostaram, quais contribuições as aulas trouxeram para eles. Em suas falas os alunos demonstraram curiosidade em conhecer mais a história da cultura africana e afro-brasileira, refletindo sobre sua arte e a cultura.

Durante a realização de todo o estágio percebi o desempenho e envolvimento dos alunos nas aulas, onde puderam se expressar por meio de suas criações, relacionando com elementos da cultura africana e afro-brasileira. O contato com essa cultura foi de extrema importância para que os alunos pudessem perceber por meio de suas produções e experimentações esses elementos e reconhecê-los como parte importante da formação da nossa identidade, aprendendo a valorizá-los.

¹⁰ Vídeo: 'Roda de Capoeira na Praia - Boa Vontade / RN' Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=068SGqHn2aw>

¹¹ Sons e as imagens de instrumentos musicais africanos. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/kit>

5 ANÁLISE DOS DADOS

Este texto tem como objetivo apresentar reflexões sobre os relatos citados acima, das experiências no ensino da arte que abordaram a cultura afro-brasileira, relacionando essa discussão com meu problema de pesquisa. Ao analisar tais experiências percebemos que o mesmo tema foi proposto por diferentes metodologias elaboradas por professores distintos que envolveram diferentes linguagens da arte, como as artes visuais, música e dança.

É importante o professor estar sempre buscando se apropriar das diferentes linguagens da arte para poder compartilhar essas experiências com seus alunos. Nessa perspectiva, destacamos a experiência da professora Julmara, onde a mesma trouxe abordagens da linguagem musical e visual, oportunizando aos alunos experiências com produção de esculturas, letras de músicas e painéis com grafite.

Dessa forma, concordamos com Leite (1998, p. 149), quando ela defende experiências de relações entre linguagens, afirmando que:

Privilegiando as diversas formas expressivas, utilizando-nos de diferentes linguagens (fala, jogos, dramatização, música, dança, desenho, pintura, literatura, argila), ampliamos a ideia de arte para além da técnica – como expressividade, comunicabilidade. E expressar-se livremente é, antes de tudo, direito inalienável de crianças e adultos.

Na mesma direção, as Orientações Curriculares do Ensino Médio (BRASIL, 2006, p. 178), ao falarem sobre o ensino da arte na atualidade, orientam para a relevância do cotidiano e das mídias e da importância de incluirmos esses temas na escola. Pedem pela valorização do

[...] repertório do aluno, especialmente dos jovens em contato com as mídias, priorizando a análise dos ritos subjacentes ao modo de vestir, falar, aos gestos de cumprimento e às preferências esportivas. A identificação com o *hip-hop* pode ser dada como exemplo desses ritos na esfera urbana, com suas manifestações como grafite, tatuagens, preferências musicais, esportivas, danças de rua, etc.

No relato de estágio que desenvolvi em 2013, e que trago nesta pesquisa, foi possível propiciar aos educandos vivências dentro da linguagem da música, conhecendo elementos musicais da cultura africana como: sons, ritmos e

instrumentos, como também relacioná-los com os elementos visuais como as máscaras e esculturas. Podemos perceber também a relação entre as linguagens, na experiência da professora Rosvita Kolb-Bernardes, sobre os patuás, quando a mesma apresenta aos alunos obras de artistas plásticos e poetas, fazendo uma relação entre a arte e a literatura.

Porém, ainda é comum vermos professores da área de Arte se restringirem a trabalhar apenas a linguagem visual, esquecendo as demais linguagens. Segundo Oliveira (2008, p. 80), isso ocorre pois,

[...] nos primórdios da formação de professores, os documentos oficiais propunham um currículo polivalente, ou seja, composto por conteúdos pertinentes às distintas “linguagens artísticas” sem, no entanto, prever métodos que possibilitassem a inter-relação entre tais conteúdos.

Ao iniciar a pesquisa de relatos de experiências e planos de aula publicados na internet, sobre a cultura afro-brasileira nas aulas de arte, tive dificuldade de encontrar propostas dessa temática, pois, quando se trata de cultura afro-brasileira ainda é muito comum encontrarmos mais experiências nas aulas de História e poucas nas aulas de arte. Penso que é importante desenvolver esse tema na disciplina de História, pois assim o aluno passa a ter o conhecimento histórico sobre essa cultura. Porém, também devemos considerar a importância de se abordar o conhecimento histórico relacionando-o com o conhecimento artístico, pois, como já foi ressaltado nesta pesquisa, a cultura africana é rica em manifestações artísticas e culturais. Por meio dessa abordagem, os sujeitos passam a reconhecer sua identidade e reivindicar sua cultura. Assim, “não existe Brasil sem a África e, portanto, não existe identidade nacional sem a cultura afro-brasileira”. (RATTS; DAMASCENO, 2006). Além disso, essa é uma questão de legislação para o ensino da arte:

& 1º- O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. & 2º- Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em

especial nas áreas de educação artística, literatura e história brasileiras. (LDB N. 9.394/96, art. 26 - A).

Dessa forma, pensando na relação e parceria que pode haver entre as áreas de conhecimento, podemos concordar com Oliveira (2008, p. 95), quando nos diz que,

[...] quando se pensa em abordar, no âmbito da Educação, as relações entre distintas “linguagens”, é possível conceber uma proposta transdisciplinar, com professores das diferentes áreas, [...] correlacionando os modos específicos de significar de cada uma das “linguagens”, as similaridades e diferenças entre elas, é que vai permitir uma compreensão conjunta e paralela das manifestações estéticas criadas pelo homem, recuperando os elos perdidos que a polivalência não soube encontrar.

Nessa perspectiva, podemos citar a experiência desenvolvida no município de Recife, em que foram apresentadas aos alunos algumas brincadeiras das crianças de alguns países africanos. A metodologia ocorreu dentro de uma proposta transdisciplinar, com atividades que envolveram produção textual, utilização de mapas geográficos, desenhos e pinturas e também experiências com brincadeiras desenvolvidas na quadra da escola em parceria com o professor de capoeira.

No campo da educação podemos encontrar diferentes formas de relacionar disciplinas e conteúdos. Sobre isso, Oliveira (2008, p. 75) nos traz alguns termos:

Intertextualidade, transdisciplinaridade, transversalidade, interterritorialidade, rizoma, entre outras, são todas palavras híbridas ou plurais – por constituição ou por noção - em cujos conceitos buscamos nos socorrer, no contemporâneo mundo do conhecimento, para entender as conexões precípuas, intrínsecas ou extrínsecas entre saberes; no nosso caso específico, buscamos essas noções para organizar mentalmente, ou melhor compreender, e até para ensinar, as relações entre as “linguagens” artísticas, ou mesmo entre as linguagens” estéticas.

Quanto aos conteúdos e metodologias abordadas nessa experiência, podemos verificar o enfoque na ludicidade, tão defendida por diversos autores preocupados com a educação de modo geral. Em especial, no ensino da arte, Ferraz e Fusari (2009, p. 123) nos dizem que:

Ao mesmo tempo em que representa as coisas e o mundo ou estabelece relações consigo e com o outro, a criança está brincando. Ela brinca criando e cria brincando. Com isso, a prática artística é vivenciada pelas crianças pequenas como uma atividade lúdica, onde “o fazer” se identifica com o brincar, o imaginar com a experiência da linguagem ou da representação.

Já quando, analisamos a experiência de Kolb-Bernardes, de Julmara e a experiência de estágio, percebemos a presença do enfoque da história africana e afro-brasileira, da memória e contribuição do passado no presente. A abordagem na história e cultura do povo africano é muito importante, pois, quando nos remetemos a sua origem e suas raízes, mantemos acesa a construção de nossa história, aprendendo a valorizá-la. Desse modo, quando pensamos em diversidade cultural, podemos concordar com Laraia (2001, p. 101), quando nos diz que:

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir.

Nessa perspectiva, podemos concordar com Silva (2008, p. 89), quando reafirma

[...] o papel fundamental da escola e dos educadores em geral no relembrar constante dos princípios do relativismo cultural para as novas gerações, na valorização da diversidade cultural, nos valores como respeito e tolerância; no estímulo permanente à curiosidade pelas culturas e identidades tradicionais, divulgando-as para que sejam conhecidas e reconhecidas na sociedade abrangente, de modo que seja transmitida a vontade de aprender, vivenciar, compreender, repassar e reinventar as tradições.

Quanto aos recursos didáticos, as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004, p. 18), afirmam que é responsabilidade “dos administradores dos sistemas de ensino e das mantenedoras prover as escolas, seus professores e alunos de material bibliográfico e de outros materiais didáticos [...]”.

Refletindo sobre essa citação, lembro-me do projeto de estágio e trago aqui minha preocupação enquanto acadêmica, pois ao realizá-lo, encontrei dificuldade em buscar materiais didáticos para abordar esse tema. E penso que talvez essa seja a mesma dificuldade encontrada por outros docentes em arte.

Desse modo ressalto a importância do estágio para a formação do acadêmico, pois é esse período que nos proporciona experiências que nos levarão a refletir sobre nossa futura docência. Onde estabelecemos maior contato com o campo escolar e encontramos situações problemas, como esta, que nos levam a buscar, não soluções, mas sim práticas que possam contribuir e melhorar o ensino de arte.

É nesse viés, que trago um projeto de curso, uma proposição para acadêmicos de Artes Visuais, com vivências e experimentações com a música, a dança e as artes visuais dentro da perspectiva da abordagem da cultura afro-brasileira. Propondo não só que conheçam mais sobre a história dessa cultura e que possam vivenciá-la, mas que também se proponham, a partir dessa experiência, a criarem outras proposições para levar em suas futuras práticas docentes.

5.1 PROJETO DE CURSO: UMA PROPOSIÇÃO PARA ABORDAR A CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA

5.1.1 Título

Cultura Africana e Afro-Brasileira: muitas memórias, várias histórias.

5.1.2 Ementa

Cultura Africana e Afro-Brasileira; Máscaras; Músicas; Danças.

5.1.3 Carga horária

16 horas.

5.1.4 Público alvo

Acadêmicos do curso de Artes Visuais.

5.1.5 Justificativa

Sabemos que o continente Africano tem uma grande diversidade e extensão territorial. Mas quando lembramos da África, muitas vezes o que nos remete a memória é apenas um passado de injustiças e sofrimentos e nos esquecemos das riquezas naturais e culturais desse continente.

A cultura africana e afro-brasileira é de grande importância para a nossa sociedade, pois muitas são as heranças e influências que herdamos dessa cultura. Por isso ressalto a relevância de conhecê-la um pouco mais e aprender a valorizá-la. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004, p. 17):

A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que deve educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática.

A vista disso, trago essa proposta, a fim de contribuir com a valorização da cultura africana e afro-brasileira, oportunizando experiências aos acadêmicos ainda em formação, para que possam ter vivências com a temática, podendo ampliar o seu repertório cultural. E em suas futuras práticas em sala de aula possam trabalhar esses costumes, valores culturais e artísticos tão ricos que encontramos nessa cultura.

5.1.6 Objetivos

5.1.6.1 Objetivo geral

Proporcionar aos acadêmicos o contato com a cultura africana, por meio de experiências significativas, onde possam vivenciar as linguagens da arte, possibilitando ampliar o repertório cultural dos mesmos.

5.1.6.2 Objetivos específicos

- Conhecer e valorizar elementos da cultura africana e afro-brasileira;
- Refletir sobre a arte e a cultura afro-brasileira, reconhecendo sua importância na formação da nossa identidade;
- Experimentar diferentes fazeres e modos de produção na arte como forma significativa na construção do conhecimento.

5.1.7 Conteúdos

- Cultura africana e afro-brasileira;
- Máscara na cultura africana;
- Dança e música na cultura africana

5.1.8 Metodologia

Esta proposta acontecerá em quatro encontros com 4hrs cada um.

No primeiro encontro será apresentada a proposta do projeto, destacando os objetivos do mesmo. Posteriormente será feita uma explanação sobre a cultura africana e afro-brasileira, música, dança, máscaras e outros elementos visuais como também artistas que trabalham acerca dessa temática, por forma de slides e vídeos, relacionando sempre com as linguagens da arte.

No segundo encontro, os acadêmicos serão convidados a participar de uma oficina, com dinâmicas para vivenciar e conhecer os principais instrumentos musicais da cultura afro-brasileira e posteriormente iniciar a construção de instrumentos musicais, a partir de materiais recicláveis.

No terceiro encontro, em grupos, os participantes criarão uma produção sonora com os instrumentos que criaram no encontro passado e prepararão uma produção podendo relacionar com a dança e movimentos corporais.

No último encontro, os acadêmicos criarão máscaras e esculturas em argila, organizando, como culminância do projeto, um 'sarau' onde apresentarão música, dança e produções visuais relacionadas à cultura africana e afro-brasileira.

5.1.9 Referências

BRASIL Ministério da Saúde Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o propósito de discutir e trazer reflexões sobre quais as possibilidades de desenvolver abordagens sobre a cultura afro-brasileira nas aulas de arte na educação básica. Dessa forma, faz-se necessário retomarmos as indagações que surgiram no início da pesquisa, a fim de refletir sobre questões que nortearam o trabalho: Como estão sendo abordadas as características da cultura afro-brasileira nas aulas de Artes? Será que os professores de Artes implementam esse tema em suas aulas? Quais as possibilidades de desenvolver a abordagens da cultura afro-brasileira nas aulas de arte?

Com esta pesquisa, podemos afirmar que de acordo com os relatos de experiências pesquisados, observamos que a maioria das propostas ainda são desenvolvidas na área da disciplina de história e poucas na disciplina de Arte. Por outro lado percebemos que há professores preocupados e comprometidos em desenvolver abordagens da cultura afro-brasileira em suas aulas.

Quanto à possibilidade de relacionar o campo da história com o artístico, ressaltamos a importância da transdisciplinaridade, relacionando as áreas do conhecimento, para que haja um maior significado de vivências e experiências para o educando. Assim como podemos observar nas abordagens destacadas, onde os professores se propuseram a contextualizar a cultura afro-brasileira música, dança e artes visuais, relacionando-as com conteúdos de Geografia e Educação Física.

A partir das análises com base no corpo teórico desta pesquisa, tornou-se visível a importância de se abordar a cultura africana e afro-brasileira na educação básica e a necessidade de propiciar essas práticas pedagógicas nas diferentes áreas do conhecimento, em especial nas aulas de arte.

Mediante tais reflexões, podemos verificar por meio das experiências relatadas que há diversas possibilidades de se desenvolver abordagens da cultura afro-brasileira nas aulas de arte na educação básica, e que dessa forma incentiva-se a valorização histórica e cultural dessas manifestações, bem como o reconhecimento desta para a formação da diversidade cultural do povo brasileiro. As possibilidades que a pesquisa revelou são as abordagens que relacionam linguagens e aspectos do cotidiano dos alunos bem como experiências e vivências significativas, dentro de propostas que envolveram diferentes disciplinas. Percebemos também a presença do lúdico e das brincadeiras, como também, do

enfoque da história africana e afro-brasileira atentando-se para as questões da memória e a contribuição do passado no presente.

Vale refletir e reafirmar também sobre a importância das experiências de estágio e da necessidade da pesquisa, como para este trabalho de conclusão de curso, que coloca o acadêmico buscando sempre contribuir para o ensino de arte.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Valeria Peixoto de. **Rubem Valentim: Reelaboração do construtivismo.**(2009) 0000 Disponível em: (<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/rubem-valentim-reelaboracao-do-construtivismo.htm>). Acessado em: 15 out. de 2014 as 22h30min

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **A compreensão e o prazer da arte.** São Paulo: SESC Vila Mariana, 1998.

BELO, Maristher Motta. **Arte Nível III.** Educação Infantil. Curitiba: Posigraf. 2006.

BISPO, Alexandre Araujo. Arte afro-brasileira: uma arte do Brasil mestiço. In: FELINTO, Renata (org.). **Culturas Africanas e Afro-Brasileiras em sala de aula: saberes para os professores fazeres para os alunos.** Belo Horizonte, MG: Fino traço, 2012, p. 83 - 91.

BISPO, Alexandre Araujo. **Mulher Negra e artista: a estética crítica de Rosana Paulino.** Revista Omenelick 2º Ato, jul-ago de 2010. São Caetano do Sul – SP: ED. Mandelacrew Comunicação e Fotografia.

BRASIL Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o ensino da arte no Ensino Médio: Linguagem, código e suas tecnologias.** Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL Ministério da Saúde Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte.** Brasília: DP&A, 1997.

COLI, Jorge. **O que é arte.** 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COPIRC. Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de Criciúma: Por uma educação anti-racista. **Revista Pedagógica.** 2010.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. Rezende e. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FONTES, Martins. **As Máscaras Africanas**. São Paulo. 1992.

GOULART, Julmara. **Tornando realidade a Lei 10.639**: experiência de implementação dos estudos de arte africana e afro-brasileira na escola pública. TCC (Curso de Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009.

KOLB-BERNARDES, Rosvita. Segredos do Coração: A Escola Como Espaço Para o Olhar Sensível. **Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 80, p.72-83, jan. 2010. Disponível em: <www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 30 set. 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19ª ed. Rio de Janeiro: JZE, 2006.

LEITE, Maria Isabel. Desenho infantil: Questões e Práticas Polêmicas. In: KRAMER Sonia; LEITE Maria Isabel. **Infância e Produção Cultural**. Campinas: Papyrus, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Teoria e Prática do Ensino de Arte - A língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010.

Mestre Didi, arte ritual / Instituto Arte na Escola ; autoria de Chistiane Coutinho e Erik orloski; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque – São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006. DVDteca Arte na Escola. (46 min.), DVD, son., color.

MONTI, Franco. **As máscaras africanas**. São Paulo: M. Fontes, 1992.

OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e . Relações entre “linguagens”. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e (Org.). **Ensaaios em torno da arte**. Chapecó, SC: Argos, 2008.

PILETT, Nelson Pilett. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

PINHEIRO, José Mauricio dos Santos. **Da Iniciação Científica ao TCC Uma Abordagem para os cursos de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2010.

RATTS, Alex; DAMASCENO, Aadriane A. Participação africana na formação cultural brasileira. In: UNB. Centro de Educação à Distância. **Educação Africanidades Brasil**. Brasília: UnB/CEAD, 2006. p.169-183

Rosana Paulino. **Biografia**. Disponível em: (<http://www.rosanapaulino.com.br/biografia/>) Acessado em: 25 out. de 2014 as 22h30min

RUBEM Valetim: geometria sagrada. Coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006. DVDteca Arte na Escola. (46 min.), DVD, son., color.

SALES, Heloisa Margarido. Arte da África: leitura de obras. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. Multiculturalidade e Interdisciplinaridade. In: **Arte Afro-Brasileira**: mostra do Redescobrimento. Curadoria de Nelson Aguilar. Catálogo da Exposição realizada pela associação Brasil 500 anos Artes Visuais. São Paulo: Brasil Connects, 2000.

SANTOS, André de Oliveira. Batuques e Samba: afirmações da identidade afro-descendente. In: FELINTO, Renata (org.). **Culturas Africanas e Afro-Brasileiras em sala de aula**: saberes para os professores fazeres para os alunos. Belo Horizonte, MG: Fino traço, 2012, p. 45-52.

SILVA, René Marc da Costa. Memória, Identidade e Patrimônio. In: SILVA, René Marc da Costa (org.). **Cultura Popular e Educação**: Salto para o Futuro. Brasília, 2008, p. 85 – 89.

ANEXO(S)

ANEXO A – Obra Parede de Memória, 1994. Rosana Paulino. Serigrafia em almofadas, 8 x 8 x 3 cm. Acervo Particular.



Fonte: <http://cean2c.blogspot.com.br/2011/11/parede-de-memoria-1994-rosana-paulino.html>

ANEXO B – Poesia Carrego comigo de Carlos Drummond de Andrade

CARREGO COMIGO

Carrego comigo
há dezenas de anos
há centenas de anos
o pequeno embrulho.

Serão duas cartas?
será uma flor?
será um retrato?
um lenço talvez?

Já não me recordo
onde o encontrei.
Se foi um presente
ou se foi furtado.

Se os anjos desceram

trazendo-o nas mãos,
se boiava no rio,
se pairava no ar.

Não ousou entreabri-lo.
Que coisa contém,
ou se algo contém,
nunca saberei.

Como poderia
tentar esse gesto?
O embrulho é tão frio
e também tão quente.

Ele arde nas mãos,
é doce ao meu tacto.
Pronto me fascina
e me deixa triste.

Guardar um segredo
em si e consigo,
não querer sabê-lo
ou querer demais.

Guardar um segredo
de seus próprios olhos,
por baixo do sono,
atrás da lembrança.

A boca experiente
saúda os amigos.
Mão aperta mão,
peito se dilata.

Vem do mar o apelo,
vêm das coisas gritos.
O mundo te chama:
Carlos! Não respondes?

Quero responder.
A rua infinita
vai além do mar.
Quero caminhar.

Mas o embrulho pesa.
Vem a tentação
de jogá-lo ao fundo
da primeira vala.

Ou talvez queimá-lo:
cinzas se dispersam
e não fica sombra
sequer, nem remorso.

Ai, fardo sutil
que antes me carregas
do que és carregado,
para onde me levas?

Por que não me dizes
a palavra dura
oculta em teu seio,
carga intolerável?

Seguir-te submisso
por tanto caminho
sem saber de ti
senão que te sigo.

Se agora te abrisses
e te revelasses
mesmo em forma de erro,
que alívio seria!

Mas ficas fechado.
Carrego-te à noite
se vou para o baile.
De manhã te levo

para a escura fábrica
de negro subúrbio.
És, de fato, amigo
secreto e evidente.

Perder-te seria
perder-me a mim próprio.
Sou um homem livre
mas levo uma coisa.

Não sei o que seja.
Eu não a escolhi.
Jamais a fitei.
Mas levo uma coisa.

Não estou vazio,
não estou sozinho,
pois anda comigo
algo indescritível.